

Projeto 3

Sistema Econômico Local Universitário

Luana Oliveira Sampaio

Cód/Nome	3 - Sistema Econômico Local Universitário
Orientador	Luana Oliveira Sampaio
Campus	Jorge Amado
Área	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA EXTENSÃO.
Vagas	2
	luanaoliveirasampaio@gmail.com

Resumo

Este Projeto de Extensão tem como objetivo geral implantar uma moeda social virtual no ambiente acadêmico da Universidade Federal do Sul da Bahia, campus Jorge Amado, estabelecendo um Sistema Econômico Local Universitário (SELU), seguindo os princípios da Economia Solidária, onde as trocas solidárias serão incentivadas, através do uso da moeda virtual e através da realização de Feiras de Trocas. Além disso, por meio deste projeto pretendemos refletir sobre o dinheiro e seu papel social, incentivar a prática do consumo consciente e promover autoconhecimento auxiliando cada participante do SELU no seu processo de percepção de seus dons e habilidades mais naturais, para fazer ofertas e demandas no SELU dentro desta perspectiva. Maiores informações: <https://communities.cyclos.org/selu>

Atividades dos bolsistas

- 1) Compor a equipe de gestão do SELU, com uso da Plataforma Cyclos; 2) Contribuir para a divulgação e ampliação do alcance do Projeto. Por exemplo, através das redes sociais e da produção de audiovisual; 3) Organizar e participar das Feiras de Trocas na UFSB/CJA, estas com possibilidade de participação da comunidade externa; 4) Participar das reuniões e atividades com os nossos parceiros da comunidade de Serra Grande, interagindo com as questões que eles vivenciam no Sistema Econômico Local de Serra; 5) Analisar criticamente o funcionamento do SELU e propor melhorias. Com estas atividades, esperamos que os bolsistas se desenvolvam na compreensão dos princípios da Economia Solidária, no entendimento sobre o funcionamento de sistemas econômicos que tem base nestes princípios, na autonomia no uso da Plataforma Cyclos, na capacidade de criatividade e de explorar os recursos tecnológicos e virtuais para expandir o alcance do projeto dentro da nossa comunidade, no pensamento crítico, no

potencial de proatividade e no exercício prático do consumo consciente. As atividades semanais de cada bolsista irão variar de acordo com a dinâmica de desenvolvimento do Projeto e com as principais habilidades de cada um, em uma organização colaborativa, considerando os objetivos do Projeto e as aprendizagens esperadas já descritas.

Atividades semanais e carga horária

As atividades semanais de cada bolsista irão variar de acordo com a dinâmica de desenvolvimento do Projeto e com as principais habilidades de cada um, em uma organização colaborativa, considerando os objetivos do Projeto e as aprendizagens esperadas já descritas.

Introdução

Nossa sociedade vive, atualmente, em um Sistema Econômico Capitalista, onde o objetivo principal é o lucro, o acúmulo de dinheiro. O dinheiro se tornou algo central na vida das pessoas. Mas, como se deu a origem do dinheiro? Há divergências nas abordagens históricas, mas a cada olhar, uma reflexão nova surge, ajudando a construir uma visão própria sobre o processo de surgimento do dinheiro. De acordo com o documentário “Origens: A evolução humana 03 – Origem do dinheiro” da National Geographic, “o dinheiro não foi apenas uma invenção, ele foi uma revolução mental”, responsável pela criação de um sistema de confiança que acabou conectando o mundo por meio do comércio viabilizado e facilitado por ele”. Data-se o surgimento do conceito/noção de dinheiro em 15.000 A.C. na África a partir da disputa de grupos/tribos por alimentos e sobrevivência, consequentemente esses ancestrais estavam sempre a procura de aliados para trocar ou conseguir bens (armas de caça, alimentos). As tribos iniciavam guerras por almejar objetos que pertenciam a outras tribos, dentro desse contexto, neste período histórico, surge a ideia/sentido de negociação e dinheiro, na qual o dinheiro tem como principal função quantificar o valor de cada objeto (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2017). Conta-se também que, nos primórdios, as sociedades viviam sob a égide de um comunismo primitivo, no qual se repartiam as riquezas entre seus membros. Com o desenvolvimento dessas comunidades, os contatos entre elas foram inevitáveis e a consequência natural foi uma forma pura de troca, chamada de escambo, por meio da qual os objetos (artefatos, produtos agrícolas, animais etc.) eram comparados uns aos outros de forma natural e trocados entre si. Em seguida, o escambo se tornou complexo e se ampliou de tal forma que surgiu um meio de troca para torná-lo mais cômodo e “justo”. Este meio de troca – a moeda – tornou-se um mecanismo para expressar os valores das coisas, sendo possível, inclusive, reservá-la para trocas futuras (AGLIETTA e ORLÉAN, 1990, apud RIGO e FILHO, 2017). RIGO e FILHO (2017), defendem que o surgimento do dinheiro se deu pela perspectiva da Economia da Dívida, onde “a dívida é um sistema de intercâmbio de bens ou serviços, no qual a importância da troca não está no que circula, mas nos vínculos estabelecidos por meio da relação gerada. Nesta relação, mais do que a satisfação utilitária dos bens trocados, tudo que circula é em prol da construção e manutenção dos laços sociais”. No entanto, estas preocupações com os laços sociais foram sendo sucumbidas pelos interesses do capitalismo competitivo que enfraquece as relações interpessoais em prol do

fortalecimento do poder puramente econômico. Em seu artigo denominado “Economia Solidária versus Economia capitalista”, Paul Singer (2001), traz uma discussão da temática. Na atual conjuntura de nossa sociedade, o capitalismo competitivo abrange a maior parte das relações econômicas, políticas e sociais. Concomitante a essa realidade, o capitalismo solidário resiste nas relações familiares, de vizinhança e amizades. Os nomes desses dois diferentes campos são auto explicativos quanto a sua principal diferença. Ou seja, o capitalismo competitivo tem a disputa desenfreada e desmedida nas mais diferentes micro relações de poder estabelecidas como inerentes. Voltados para o acúmulo de capital e geração de lucro, como Marx já estabelecia, a competição do mercado torna as relações sociais ferozes, egoístas e destrutivas. A necessidade de ganhar, cria perdedores, menosprezados e, conseqüentemente, punidos. Mesmo diante de momentos em que a cooperação deve prevalecer sobre a competição no capitalismo, indícios apontam que a transição entre esses dois campos é difícil, sendo a competição protagonista das relações (SINGER,2001). A solidariedade, contrapondo a essa competição, tem sido uma arma daqueles desprovidos de capital, uma atitude racional de sobrevivência à falta de qualidade de vida. Ela se desenvolve naturalmente por eles, sem um comportamento calculista inerente, como um movimento de empatia. Deste modo, a Economia Solidária surge com o propósito de beneficiar os desprovidos de capital e é formada por empresas, associações, cooperativas, feitas pela união daqueles que não tiverem oportunidades de participar do processo de produção social (SINGER,2001). Sabe-se que o dinheiro tornou-se essencial para a economia de mercado, sendo as relações de compra e venda intermediadas por ele. Porém, esse dinheiro, e os juros embutidos inerentemente a ele, não retornam para os consumidores. São os grandes bancos e empresas que captam os juros e lucros obtidos nas relações de compra e venda. Ou seja, nas comunidades, muito se compra, muito se vende, pouco, ou quase nada, se lucra. A falta de lucro para a comunidade, aliada às políticas de governo ineficientes, fazem com que a qualidade de vida seja precária para as comunidades pobres (ROSENBLITH, 2008). As primeiras experiências de formação de economia solidária na Europa e nos EUA, surgiram de um contexto turbulento de crise econômica, e assim como a iniciativa, essa instabilidade e as pressões dos padrões sobre os governos, foram o motivo de abafamento de movimentos cooperativistas. No entanto, existem diversos exemplos bem sucedidos de economia solidária no mundo. Um deles é o Complexo Cooperativo Mondragón na Espanha, fundado em 1956, projeto de grande importância para sua economia local, que quando completou cinquenta anos da sua existência foi classificado pela ONU como um dos cinquenta melhores projetos sociais do mundo. Em 1983, o sistema Local Exchange Trading Systems (LETS) foi implantado em uma vila do Canadá como uma tentativa de amenizar os efeitos de uma crise econômica gerada pela transferência de uma base aérea para outra região (SILVA, 2008). No cenário nacional, a moeda social mais conhecida é a do Banco Palmas em Fortaleza, sua missão é implementar projetos de trabalho e geração de renda através de sistemas de economia solidária, primariamente focada na superação da pobreza urbana e rural. Além de fornecer acesso a serviços bancários para os moradores das comunidades mais pobres, que normalmente não teriam acesso a eles nos bancos tradicionais, por falta de histórico de crédito, ou de garantia financeira e/ou distância física (RIGO, 2017). Na Bahia a economia solidária vem se expandindo e assim proporcionando mais emprego a pessoas de baixa renda (LOPES, 2016). Pode-se destacar a comunidade de inkiri Piracanga que utiliza um banco comunitário chamado Banco Inkiri. Essa economia local

é baseada nos padrões da natureza, têm um caráter mutável, multifacetado, que vai de acordo com as demandas locais e com o que a comunidade vive naquele período (SALES, 2017). A Chácara Bocaíuva localizada no distrito de Humilde, na cidade de Feira de Santana - Bahia, que utiliza a economia solidária através de alimentos orgânicos produzidos pelos participantes locais, proporcionando-os uma melhor qualidade de vida com alimentação saudável, pois para Lopes (2016) “A qualidade de vida das pessoas depende da boa alimentação”. É de ressaltar o banco solidário quilombola do Iguape que está localizado numa comunidade no município de Cachoeira e tem como sua base principal a sustentabilidade. Essa moeda social é uma alternativa própria que tem o objetivo de fortalecer sua economia local, para assim empreender o desenvolvimento, beneficiando o mercado de trabalho. (EÇA, 2016) Após estudo deste referencial teórico, dentre outras literaturas, constituímos este Projeto de Extensão que propõe a implantação do Sistema Econômico Local Universitário (SELU), com base nos princípios da Economia Solidária, com utilização de uma moeda social virtual chamada “Moeda Universitária Solidária” (MUS), que utilizará a Plataforma Cyclos para viabilizar trocas solidárias entre os membros da comunidade acadêmica da UFSB/CJA.

Justificativa

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) foi fundada em 2013 a partir da sua “Carta de Fundação e Estatuto” apresentada ao Ministério da Educação e Governo Federal. Tendo campi nas cidades de Teixeira de Freitas, Porto Seguro e Itabuna (reitoria), a UFSB faz parte da reforma universitária brasileira, e, como tal, apresenta seus cursos distribuídos em três ciclos. O primeiro ciclo tem a duração média de três anos, compreendendo os bacharelados e as licenciaturas interdisciplinares; o segundo ciclo compreende a formação em nível de graduação de carreiras profissionais ou acadêmicas específicas; o terceiro ciclo da universidade oferece os cursos de pós - graduação. A grande questão da Universidade, quanto a saúde mental e a qualidade de vida da comunidade acadêmica, reside no processo seletivo instituído para a progressão de ciclos. Com um modelo processual de avaliação, no qual o discente vive três anos em uma estressante busca pelo desempenho acadêmico, que o classifica e define sua entrada, ou não, no curso desejado do segundo ciclo. Alimentando, assim o clima de competitividade. O presente projeto valoriza e incentiva a solidariedade, em contraponto a competitividade, priorizando o despertar para relações de cooperação e consumo consciente, no contexto de uma sociedade cada vez mais pautada na competitividade mercadológica, no consumo de produtos industrializados e na incisiva busca pelo lucro. Trata-se de uma experiência inovadora de implementação de uma moeda universitária solidária (MUS), baseada nos princípios da Economia Solidária, não tendo sido encontrados relatos na literatura de um projeto como este. Em suma, a Economia Solidária mostrou-se uma ótima alternativa para uma aproximação mais fidedigna daquilo que hoje se entende como sustentabilidade em seu sentido mais amplo, conjuntamente podendo ser considerada uma forte ferramenta para construção da identidade de comunidades. “No capitalismo, a arma dos desprovidos de capital é a solidariedade.” (Paul Singer, 2001) A definição de solidariedade, segundo o dicionário

Michaelis (2018) consiste em: “Responsabilidade recíproca entre os membros de uma comunidade, de uma classe ou de uma instituição”; “Estado ou situação de um grupo que resulta do compartilhamento de atitudes e sentimentos, tornando o grupo uma unidade mais coesa e sólida, com a capacidade de resistir às pressões externas”. Sendo assim, a relevância central deste Projeto está na possibilidade de contribuir para o crescimento da solidariedade entre os membros da comunidade da UFSB/CJA. Além disso, este Projeto consegue criar um cenário que favorece muito a produção em termos de Ensino, Pesquisa e Extensão, como pudemos perceber na introdução deste texto, promovendo ambientes eficientes de produção de conhecimento.

Objetivo Geral

Implantar uma moeda social virtual no ambiente acadêmico da Universidade Federal do Sul da Bahia, campus Jorge Amado.

Objetivos Específicos

Refletir sobre o dinheiro e seu papel social; Fomentar a solidariedade e a cooperação; Incentivar a prática do consumo consciente; Organizar Feiras de Trocas; Auxiliar no processo de ampliação da percepção dos dons e habilidades de cada participante; Promover a cultura do “Ganha-Ganha”.

Metodologia

O presente Projeto conta, atualmente, com 20 participantes. O principal requisito para entrada no SELU é ser membro da comunidade da UFSB/CJA, apresentando SIAPE ou número de matrícula. Os estudantes que cursarem o componente curricular “Dinheiro e Sociedade” têm prioridade na entrada no SELU. Conforme o andamento das atividades, o número de participantes poderá ser ampliado, mantendo o requisito de ser membro da UFSB/CJA. Serão organizadas Feiras de Trocas Solidárias na UFSB/CJA. Nestas Feiras será possível a participação da comunidade externa. Haverá reuniões periódicas com nossos parceiros da equipe gestora do SELS (Sistema Economico Local de Serra), numa dinâmica colaborativa entre as comunidades. Os interessados em participar do SELU deverão passar por uma dinâmica de iniciação, em reunião prévia, e estar de acordo com o Termo de Adesão, onde detalhamos as regras de funcionamento do SELU. Haverá reuniões mensais da equipe gestora do SELU, abertas aos demais participantes. Pensando na melhor efetividade e no incentivo à gestão participativa do SELU, será adotado um regime de ciclos quadrimestrais, no qual a cada 4 meses, os membros do SELU se reúnem para levantar e discutir os pontos positivos e negativos, além da necessidade de eventuais ajustes nas regras até então pré-estabelecidas, presentes no Termo de Adesão. O SELU utilizará a plataforma online “Cyclos” como ferramenta para as transações. No Cyclos, estaremos sempre atentos nas dinâmicas de trocas e serviços pelo SELU, tentando prever situações de anormalidades ou possíveis imprevistos, fazendo análise contínua das falhas e acertos do Sistema, para que possamos encaminhar soluções e trazer cada vez mais fluidez e confiança no uso da Plataforma.

Ao concordar em fazer parte do SELU, e após o cadastro na plataforma Cyclos, cada membro deverá como requisito de participação, registrar no sistema, no mínimo, uma demanda e uma oferta. A entrega do produto ou serviço será de inteira responsabilidade do ofertante. As transações entre os membros do sistema deverão ser transparentes, estando disponíveis à visualização de todos os outros membros: os valores, serviços e produtos trocados. Os detalhes de funcionamento e as disposições éticas e legais a respeito dos produtos e serviços ofertados no SELU, estarão disponíveis na Plataforma Cyclos e no Termo de Adesão. No decorrer da experiência do SELU, poderão ser vinculados a este Projeto de Extensão, diversos Projetos de Pesquisa.

Resultados esperados

Com este Projeto esperamos que haja o crescimento da solidariedade e da cooperação entre os membros da comunidade da UFSB/CJA. Também esperamos inspirar outras comunidades a implantar seu próprio Sistema Econômico, fazendo o dinheiro circular dentro da comunidade e promovendo desenvolvimento local e consumo consciente. Além disso, temos a intenção de criar um Grupo de Estudo e Pesquisa em Economia Solidária, favorecendo a produção em termos de Ensino, Pesquisa e Extensão, promovendo ambientes eficientes de produção de conhecimento.

Referências

- Vídeos e Documentários: Documentário "O dinheiro que cura", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2qW0AdI0WI&t=15s>
- Documentário "Origens: a evolução humana 03 – Origem do Dinheiro", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dt3Zyhb3Gt8>
- Vídeo sobre Economia da Dádiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FPtonxfPDV4>
- Entrevista com Paul Singer, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7J7PehpdIc>
- Vídeo "Desigualdade: por que os ricos ficam mais ricos?", disponível em: <https://youtu.be/ZzCegQVljdY>
- Reportagem "A revolução do consumo - Banco de Palmas - Ceará", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h8YLFKr7IZs>
- Reportagem "A surpreendente economia dos Palmas", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=notDhUpuzhY>
- Vídeo da TV UNESP, sobre Economia Solidária, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XSI1-ETnZ1s>
- Vídeo do Governo do Estado da Bahia, sobre Economia Solidária, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nw9KJot-sMg&feature=youtu.be>
- Literatura: ARROYO, João Cláudio Tupinambá. Cooperação econômica versus competitividade social. Rev. katálysis vol.11 no.1 Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802008000100007&script=sci_arttext
- EÇA, Tereza Sueli Souza. Economia Solidária na Bahia: uma experiência: banco solidário quilombola do Iguape. VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES, 2016. Disponível em:

http://etbces.net.br/images/etbces/anais/2016/05_artigo_gt_economia-tereza.pdf
LECHAT, Noëlle Marie Paule. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, 2002. Disponível em: http://base.socioeco.org/docs/raizes_histor.pdf
LOPES, Grace. Economia Solidária na Bahia: experiência na Chácara Bocaíúva. VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES, 2016. Disponível em: http://www.etbces.net.br/images/etbces/anais/2016/06_artigo_gt_economia-grace_lopes.pdf
RIGO, A. FILHO, G. O paradoxo das Palmas: análise do (des)uso da moeda social no “bairro da economia solidária”. Cad. EBAPE.BR, v. 15, nº 1, Artigo 10, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v15n1/1679-3951-cebape-15-01-00169.pdf>
SINGER, P. Economia Solidária versus Economia Capitalista. Rev. Soc. estado. vol.16 no.1-2 Brasília, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922001000100005&script=sci_arttext Páginas: Instituto Banco Palmas. Disponível em: <http://www.institutobancopalmas.org/> Superintendência de Economia Solidária e Cooperativismo da Bahia. Disponível em: <http://www.setre.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=210>